



## **PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LIBRAS A DISTÂNCIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE DESAFIOS E SUPERACÕES DIDÁTICAS E DE DESIGN**

## **PRODUCTION OF INSTRUCTIONAL MATERIAL FOR THE LIBRAS DISTANCE LEARNING PROCESS: A DEBATE ABOUT DESIGN AND EDUCATIONAL CHALLENGES AND OVERCOMINGS**

**Tatiana Bolivar Lebedeff<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Pelotas, RS

**Fabiano Souto Rosa<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Pelotas, RS

**Adriane Borda<sup>3</sup>**

Universidade Federal de Pelotas, RS

**Julia Arosteguy<sup>4</sup>**

Universidade Federal de Pelotas, RS

### **Resumo:**

A partir do Decreto no. 5626, de 22 de dezembro de 2005, o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras), a língua dos surdos brasileiros, tornou-se obrigatório nos cursos de licenciatura, inclusive nos cursos a distância. O trabalho discute os desafios de seu ensino na Educação a Distância, tais como a adequação da tecnologia a canais de produção e recepção diferentes dos das línguas orais e o respeito à característica visual da língua de sinais. Os cursos de Libras a distância costumam utilizar textos impressos como principal material didático. Apresenta-se uma proposta inovadora de material didático para o ensino de Libras a distância, pautada na visualidade a partir do uso de vídeos com o apoio de instruções escritas, criado no software Adobe Flash® para utilização no Moodle. Demonstra-se a viabilidade da oferta de uma disciplina de Libras com objetos de aprendizagem que garantam o contato com a língua de sinais a partir de sua característica viso-gestual.

**Palavras-chave:** Língua Brasileira de Sinais – Educação a Distância – Material Didático em Adobe Flash®

---

<sup>1</sup> e-mail: tblebedeff@gmail.com

<sup>2</sup> e-mail: fabisouto1@gmail.com

<sup>3</sup> e-mail: adribord@hotmail.com

<sup>4</sup> e-mail: j.arosteguy@gmail.com



**Abstract:**

*After the federal Decree no.5626, from 22/12/2005, the teaching of Brazilian Sign Language (LIBRAS) became compulsory in all Brazilian education and teaching graduate programs, including distance learning. This text aims to discuss some challenges of teaching LIBRAS in distance learning, like the adaptation of the technology to channels of production and reception different from oral languages and the respect for the visual characteristic of the sign language. Distance learning LIBRAS courses frequently use printed texts as their main instructive material. This work presents an innovative proposal of instructive material for LIBRAS distance learning, with the use of movies with the support of written instructions on the same frames of the videos, created in Adobe Flash® and Moodle. It also tries to demonstrate the practicability of offering a LIBRAS course with learning objects that assures the contact of the students with a sign language from its visual/gestural characteristic perspective.*

**Keywords:**

*Brazilian Sign Language – Distance Learning - Instructive Material in Adobe Flash®*



## 1. Introdução

Até pouco tempo atrás, as pessoas interessadas em aprender Língua Brasileira de Sinais (Libras) recorriam às associações de surdos, participavam de cursos de extensão ou, então, matriculavam-se em cursos de iniciativa privada. Atualmente, a partir da oficialização da Libras em nosso país, pela Lei 10.436 de 24/4/2002 e Decreto 5.626 de 22/12/2005, a disciplina de Libras tornou-se obrigatória no ensino superior em todos os cursos de formação de professores.

Na Universidade Federal de Pelotas, até o ano de 2010 essa disciplina estava sendo inserida aos poucos nos cursos presenciais, mas com a ampliação de oferta de cursos de licenciatura a distância, a Libras também deverá ser oferecida nesta modalidade.

Ao ser proposta a disciplina de Libras nos cursos de graduação a distância, percebemos que não há na UFPEL material próprio para o desenvolvimento da mesma. A experiência maior que há com a disciplina é na modalidade presencial; por isso, torna-se necessária a criação de um material voltado para os cursos na modalidade a distância.

Na modalidade de educação a distância ainda são poucas as pesquisas voltadas para o impacto da oferta da disciplina de Libras nos polos localizados no interior do Brasil, tampouco pesquisas que indiquem parâmetros para a produção deste material específico. Existe, atualmente, uma tímida produção científica sobre o ensino da Língua Brasileira de Sinais para ouvintes na modalidade presencial (Gesser, 2006), mas não especificamente para o ensino dela a distância.

Por ser uma língua viso-espacial, a Libras apresenta peculiaridades específicas distintas das línguas orais; como cenário da Libras temos a cultura surda e seus artefatos, esta muitas vezes desconhecida pela maior parte dos acadêmicos, aos quais chamaremos de ZeroLibras – ZL, ou seja, sujeitos que não possuem saberes sobre o sujeito surdo e a sua cultura, sobre a língua de sinais e a Libras. Percebe-se, portanto, o desafio de introduzir os saberes sobre a surdez na modalidade a distância em comunidades que geralmente desconhecem a surdez como diferença linguística e a Língua Brasileira de Sinais como língua de uma comunidade linguística minoritária.

Este trabalho visa, portanto, discutir os desafios de ensinar e produzir material didático para uma língua sobre a qual os estudantes não possuem quaisquer informações e que foge dos canais de recepção e produção usuais, ou seja, as línguas orais são oral-auditivas, pois a Libras é viso-gestual.

## 2. O status linguístico da Língua Brasileira de Sinais

Durante muito tempo, a língua de sinais foi vista apenas como um conjunto de gestos icônicos, ou como um código, utilizado por um grupo de pessoas “com problemas”. Entretanto, a partir da década de 1960 estudos de fonologia, principalmente os de Stokoe, demonstraram que as línguas de sinais eram mais que conjuntos de simples gestos: são línguas estruturadas. Stokoe foi um dos primeiros pesquisadores a analisar

a formação dos sinais, sendo sua publicação *Sign Language Structure*, de 1960, até hoje obra de referência (Maher, 1996). Para referir-se à fonologia dos sinais, Stokoe utilizou o termo “quirologia”, uma palavra derivada do grego e utilizada nos séculos 18 e 19 para denominar a deletração ou uso de sinais. Stokoe também começou a estabelecer analogias entre sinais e línguas faladas, observando que as características distintivas da língua oral são simultaneamente combinadas para produzir segmentos consonantais e vocais, enquanto distintos parâmetros de sinais são produzidos simultaneamente em várias combinações para formar sinais.

Quadros (1997) explicita que as línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas e não são derivadas das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal viso-espacial. Além disso, afirma que as línguas de sinais são sistemas linguísticos independentes dos sistemas de línguas orais e são línguas naturais porque: 1) desenvolvem-se no meio em que vive a comunidade surda; 2) refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem; 3) são produtos da necessidade específica e natural dos seres humanos de usar um sistema linguístico para expressar ideias, sentimentos e ações.

Nesse sentido, Brito (1997) ressalta que, em razão de sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito: descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato. Enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. Argumenta que as línguas de sinais podem ser consideradas naturais tanto pelo seu surgimento (espontâneo, a partir da interação entre pessoas) como por permitirem a expressão de qualquer significado que parta da necessidade comunicativa do homem, além da similaridade de formação entre língua de sinais e língua oral.

Depreende-se, então, que, para os surdos, independentemente da língua materna ou nativa, a sua língua natural é, necessariamente, a língua de sinais. Karnopp (1999) salienta que, apesar das diferenças nas modalidades de percepção e produção entre línguas orais (auditivo-oral) e línguas de sinais (gestual-visual), existe um paralelo entre os processos de aquisição e desenvolvimento das duas línguas. Nesse sentido, Goldin-Meadow e Mylander (1994) mostram que as línguas de sinais possuem propriedades estruturais como a língua falada, ou seja, níveis de análise de sintaxe, morfologia e fonologia.

No Brasil, durante muito tempo a Língua Brasileira de Sinais esteve alijada do contexto escolar. Foram muitos anos de lutas do Movimento Surdo para que em 2005 fosse aprovado o Decreto 2656, que estabelece como obrigatório o ensino de Libras nos cursos de formação de professores:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.



§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

A obrigatoriedade do ensino de Libras nos cursos de formação de professores deu início a uma nova etapa na história da surdez no Brasil, ou seja, ver os surdos não mais como meros espectadores, mas como atores no processo de formação dos docentes. Além disso, criaram-se diversos desafios, tais como produzir materiais didáticos, ementas de disciplinas, formar professores surdos, entre outros. Durante algum tempo essas questões eram discutidas apenas no âmbito da educação presencial, mas, posteriormente, tornou-se uma questão a ser discutida também na educação a distância. O principal desafio consiste em como produzir material didático para ensinar a distância uma língua que é viso-gestual.

### **3. O ensino de Língua Brasileira de Sinais a distância: modelos existentes**

O curso de Letras Libras, modalidade a distância, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é o principal modelo brasileiro de ensino de Libras a distância. O curso de licenciatura em Letras/Libras é uma iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina com o objetivo de formar professores para atuar no ensino da língua de sinais como primeira e segunda língua. Este curso possui metodologia diferenciada, sendo focado em tecnologia visual. As disciplinas são ministradas em língua de sinais por meio de videoconferência e também é possível o acesso aos vídeos em língua de sinais através do ambiente virtual de ensino-aprendizagem (AVEA).

A primeira turma deste curso teve início no ano 2006, com nove polos regionais, mais ou menos 480 alunos do Brasil; tem mais alunos surdos e menos alunos ouvintes. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) é o polo do Rio Grande do Sul e nela se concentram estudantes de diversas localidades do estado, bem como alguns de Santa Catarina, por ser este polo ser mais próximo que o da UFSC. Atualmente, estão em andamento outros dois cursos de Letras Libras: de licenciatura e bacharelado, com mais 18 polos, que iniciaram suas atividades em 2008.

No AVEA há um glossário de termos acadêmicos e outro da língua portuguesa explicados em Libras, que estimulam o uso da Libras e a exploração do visual, corroborando o aprendizado dos surdos e sua interação com os demais alunos. O Letras Libras a distância inova o AVEA ao desafiar toda a equipe a torná-lo acessível e adequado ao público surdo e ao uso de uma língua espaço-visual. Cada disciplina tem muitos vídeos e textos; para cada texto há um vídeo com tradução em Libras. Além disso, contém muitas atividades com os vídeos (fórum, tarefa, entre outras). Também é necessário postar os trabalhos via vídeo, ou seja, o aluno faz uma



filmagem sua e a posta no AVEA. A principal estratégia deste curso é, portanto, o uso de imagens.

Entretanto, o curso de Letras/Libras, apesar de ser o principal modelo que temos no Brasil, não funciona como paradigma exclusivo para projetar uma disciplina de Libras a distância. Isso porque no curso de Letras/Libras todos os alunos são fluentes em Libras, e o próprio processo seletivo é em Libras. No caso da disciplina de Libras, o alunado, em sua maioria, desconhece a Libras; portanto, a disciplina tem de ser pensada para prover desde os conhecimentos básicos, tais como o alfabeto digital, o foco do olhar, as configurações de mão, entre outros.

#### **4. Produção e publicação de material didático para o ensino de Libras a distância - questões tecnológicas**

A produção de material para a disciplina de Libras a Distância na UFPel iniciou com uma pesquisa de materiais didáticos disponíveis na web. Desse modo, descobriu-se que são poucos os materiais disponíveis no Brasil e que a maior parte do que está disponível na web é de língua de sinais de outros países. Os que encontramos em Língua de Sinais Brasileira são materiais para Curso Básico de Libras, com durações de 40, 60 ou 80 horas/aula. Entretanto, a maioria dos cursos utiliza muito material impresso, com pouquíssimos vídeos. Algumas universidades brasileiras possuem disciplinas de Libras a distância, mas também disponibilizam muito material impresso e quase nenhum material em vídeo. Com base na análise desses materiais, iniciou-se a produção de um material próprio do CEAD.

Para a implementação da disciplina de Libras nos cursos de graduação a distância da UFPel, estabeleceu-se uma parceria com uma equipe de caráter interdisciplinar, composta por especialistas em educação, representação gráfica digital e design gráfico, que compõem o Núcleo de Produção de Material (NPM) do curso de Formação de Professores de Espanhol como Língua Estrangeira (FPELE), da Universidade Aberta do Brasil (UAB) – núcleo Universidade Federal de Pelotas, coordenado pelo Grupo de ensino/aprendizagem da Gráfica Digital (Gegradi) e composto por professores pesquisadores, tutores e bolsistas.

O trabalho do NPM faz uma ponte entre o educador e o aluno, num processo no qual a proposta didática original é transformada em um material digital pronto para ser publicado. O objetivo deste trabalho, além da potencialização da proposta de criação de uma interface amigável para o aluno, é a obtenção de um objeto de aprendizagem com as características-chave da reusabilidade e acessibilidade, tal como referem Bettio e Martins (2004). Reutilizável, em termos estruturais, em qualquer outro contexto, principalmente pelo fato de serem gerados padrões para intervenções didáticas que permitem que outros membros da equipe estejam aptos a editar o material, e acessível, pelo uso do material em arquivos swf (Adobe Flash Player), que podem ser acessados em praticamente qualquer computador.

Nesta experiência com a disciplina de Libras enfrentou-se a dificuldade da adaptação de uma linguagem essencialmente visual para os moldes do material de EaD, na qual

há a necessidade de um discurso estruturado em português escrito para a compreensão do aluno. Após diálogos entre a equipe e os educadores, optou-se pelo uso de vídeos com o apoio de instruções escritas.

Quanto ao design do material, foi criado no *software* Adobe Flash um projeto gráfico que prioriza a simplicidade e leveza, para que as informações sejam passadas com a maior clareza possível e não sobrecarreguem o aluno. Este projeto prevê algumas tipologias fixas (além das diferentes cores de fundo dos vídeos de acordo com sua finalidade, que já constava da proposta pedagógica), para que o aluno se familiarize com a interface e também para que esta seja facilmente replicável pela equipe.

Os vídeos produzidos possuem três tipos diferentes de cores no fundo: azul, verde e vermelho (Figura 1). A cor azul indica que o vídeo estará apresentando novos conteúdos; o fundo de cor verde indica atividade de treinamento visual, ou seja, uma revisão, ao passo que o fundo de cor vermelha refere-se a atividades de treinamento ou prática, uma atividade a ser desenvolvida pelo aluno. Os vídeos não possuem voz de tradução para não tirar o foco da mensagem visual. São disponibilizadas apresentações escritas no início de cada vídeo.



Figura 1. Exemplos de mudança de cor de fundo nos vídeos produzidos.

Neste projeto há dois tipos principais de telas (vídeo e texto), que funcionam sempre com o auxílio de um menu fixo à direita, para que o aluno navegue pelo conteúdo com facilidade (Figura 2).



Figura 2 - Telas de Libras: capa, texto e vídeo.

Em uma primeira experiência, este material foi disponibilizado *on-line*, porém se verificou que grande parte dos alunos teve dificuldades para acessar o material. Isso se deveu ao uso de vídeos, que aumentam muito o tamanho do material, levando a que



seu *download*, que depende da velocidade de conexão de cada indivíduo, seja muito demorado ou, às vezes, impossível. A solução encontrada foi a disponibilização do mesmo material inteiramente por meio de DVDs (mídias digitais) e o uso de fóruns de discussão e atividades apenas *on-line*.

Com isso, tem-se em mãos um material de Libras independente, que poderá ser utilizado em qualquer curso ou ambiente, podendo-se optar ou não por sua integração com os fóruns virtuais.

Ainda estamos em processo de produção e avaliação constante dos materiais didáticos e objetos de aprendizagem. Compreendemos que esse processo é, de certa forma, inacabado, pois após cada edição da disciplina finalizada temos certeza de que modificações ocorrerão.

## **5. Considerações finais**

Discutimos os desafios que temos encontrado e as conquistas alcançadas para a proposta de uma disciplina de Libras a distância que não se pautar apenas no texto impresso, com informações teóricas sobre os surdos, sua cultura e sobre a própria língua de sinais. O desafio de produzir uma disciplina que respeite a característica principal das línguas de sinais, que é a viso-gestualidade, gerou o material explicitado neste texto. Buscamos que a disciplina utilize objetos de aprendizagem que garantam o contato com a língua, mas que, ao mesmo tempo, respeitem o ritmo do aluno e as dificuldades que a educação não presencial imprime em uma disciplina como a de Libras.

Desse modo, torna-se necessário que, na modalidade de educação a distância, na qual o professor não mantém contato direto com o aluno, o material comumente utilizado no ensino presencial seja totalmente adaptado, para que possibilite ao aluno o entendimento perfeito dos movimentos realizados durante as sinalizações que serão disponibilizadas em vídeos e por meio de outros objetos de aprendizagem. Além disso, percebe-se a necessidade de capacitação dos tutores presenciais e a distância sobre as especificidades da surdez. Não basta seguir a proposta do professor; temos de desconstruir algumas representações cristalizadas sobre a surdez e a língua de sinais. Para isso, talvez uma única capacitação não baste; há a necessidade de formação continuada para tutores presenciais e a distância.

Torna-se necessário, portanto, para além de investigações cotidianas sobre a produção do material didático e dos objetos de aprendizagem, a análise do impacto nas representações sobre surdez e o potencial pedagógico da disciplina nos sujeitos envolvidos na educação a distância: tutores presenciais e tutores a distância e alunos dos cursos de licenciatura.

## **6. Referências Bibliográficas**

BETTIO, Rafael; MARTINS, Alejandro. *Objetos de aprendizado: um novo modelo direcionado ao ensino a distância*. UFSC, 2004. Disponível em



<<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=5938>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

BRITO, L.F. Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: BRITO, L.F. (Org.). *Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: MEC/SEESP, 1997.

GOLDIN-MEADOW, S.; MYLANDER, C. The development of morphology without a conventional language model. In: VOLTERRA, V.; ERTING, C.J. (Org.). *From gesture to language in hearing and deaf children*. Washington: Gallaudet University Press, 1994.

KARNOPP, L.B. *Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

MAHER, J. *Seeing language in sign: the work of William C. Stokoe*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.